

### • Mesopotâmia – O que acontece no Iraque?

(Ernesto Germano Parés)

A região entre os rios Tigre e Eufrates foi berço de duas das mais antigas e desenvolvidas civilizações da história humana: a assíria e a babilônica. Pela riqueza local, pelas águas e terras férteis, atraiu vários outros povos da época e, mais tarde, unificada. Tornava-se o Primeiro Império Babilônico. Dessa mistura cultural e posterior unificação recebemos uma das primeiras legislações que a humanidade conhece: o Código de Hamurábi.

Coisa curiosa é saber que o tal Código traz a primeira legislação que se conhece sobre a regulamentação das profissões e das penalidades aos profissionais que não exercessem bem suas artes! Hoje, para nossa imprensa, isso seria considerado “censura”, mas havia uma fiscalização sobre a prática de vários ofícios.

Por outro lado, Hamurábi entendia que as injúrias e os danos causados a alguém deveriam ser vingados com atitudes ou fatos equivalentes. Ou seja, vem daí a filosofia do “olho por olho, dente por dente”.

Mas vamos deixar de lado toda essa parte da história, que todos conhecem, e vamos tratar da região do Tigre e o Eufrates na atualidade. Vamos tentar entender o que se passa no Iraque e o surgimento de um “Estado Islâmico do Iraque e do Levante”.

Nosso primeiro destaque deve ser, então, para o Iraque anterior a Saddam Hussein que já vivia uma longa e sangrenta disputa entre as três grandes etnias locais: os sunitas, os xiitas e os curdos. Saddam, ainda que tenha chegado ao poder com apoio dos EUA para fazer frente à revolução iraniana, conseguiu unificar o país e abafar as disputas entre os três grandes grupos nacionais ao estabelecer um Estado laico. Ou seja, afastou da política as três grandes religiões e conseguiu governar acima dessa disputa

Mas, em 2003, esse estranho equilíbrio foi desfeito. Quando George W. Bush determinou a invasão do país e a derrubada de Saddam sabia que estava “mexendo em casa de marimbondo”. E Washington passou a desenhar o futuro da região levando em consideração essas diferenças irreconciliáveis. Em 2006 tornou-se público o projeto estadunidense: o novo mapa traçado pelos estrategistas e ideólogos dos EUA previa a divisão do Iraque em três Estados. Haveria uma nação sunita, uma nação xiita e uma nação curda. Tudo muito bonito, mas só no papel.

Em primeiro lugar, porque os EUA nunca conseguiram, em todos os anos de ocupação, estabelecer uma situação de equilíbrio ou de segurança no Iraque. Durante todo o tempo esteve sob pressão dos diversos grupos e não ter o controle sobre o país. Tanto isto é verdade que a ocupação dos militares estadunidenses se limitava a uma pequena área, chamada zona verde, nos arredores de Bagdá.

Em 2006, ainda com tropas no país, os EUA promoveram uma farsa eleitoral para criar um poder local. O escolhido de Washington foi Nouri al-Maliki, líder xiita do Partido Islâmico Dawa que passou a governar com trinta e sete ministros escolhidos com muito cuidado e aprovação estadunidense.

Mas, em 2011, quando os EUA começaram a retirar as tropas do país, al-Malik foi tornando seu governo mais autoritário e excluiu os sunitas. A violência voltou a tomar conta do restante do Iraque e os grupos sunitas lançaram a “grande ofensiva” na região norte e oeste do país, exatamente onde hoje se dá o conflito com o grupo salafista!

E é exatamente aqui que começa o complicado problema, cercado de segredos que nem são tão “secretos” assim, mas que estão na origem do problema atual.

Como é conhecido por todos, os EUA criaram a Al Qaeda para agir no Afeganistão e desgastar as tropas soviéticas, na época. Washington treinou e armou Bin Laden e seus seguidores, financiou o grupo durante anos e depois sofreu as consequências durante o ataque de 11 de setembro. O mesmo vem acontecendo com o grupo terrorista salafista que agia na Síria, sob orientação da CIA e do serviço secreto francês, para derrubar o governo de Bassar Al Assad.

Recebendo treinamento militar e orientações estadunidenses, o grupo terrorista era sustentado pela Arábia Saudita e pelo Qatar, tradicionais aliados dos salafistas. Ou seja, dinheiro não faltava para o grupo que atuava dentro da Síria. Mas a nova vitória de Al Assad nas recentes eleições e o apoio aberto da Rússia, que bloqueou no Conselho de Segurança da ONU qualquer decisão que levasse a uma intervenção militar, mudaram os rumos das ações. Surge, dessa forma, o chamado "Estado Islâmico do Iraque e do Levante" (EIIL).

Antes de prosseguir na análise, é importante esclarecer um engano da imprensa. Em geral, os jornais e analistas estão traduzindo o movimento como "Estado Islâmico do Iraque e Síria", mas a questão é mais ampla. Na cultura árabe, o "Levante" compreende, além da Síria, o Líbano, a Jordânia, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e até Israel. Ou seja, aqui já encontramos um dos motivos para a disputa estar envolvendo tantos interesses diferentes.

E aqui vamos começar a desvendar alguns "mistérios" e demonstrar algumas mentiras que estão sendo contadas pela grande imprensa.

A primeira delas é dizer que o ataque salafista ao Iraque, a tomada da cidade de Mossul (depois Tikrit, Baiji e Yalula), foi uma surpresa para a inteligência estadunidense. É difícil de acreditar que tantos homens, armas e veículos militares pudessem atravessar um deserto que separa a Síria do norte do Iraque sem que os satélites e aviões de espionagem pudessem ver. A verdade é muito simples: a embaixada dos EUA estava informada, mas escolheu nada fazer. Qual o motivo?

Vejam... No dia 24 de junho, ou seja, pouco depois da invasão jihadista ao Iraque, o secretário de Estado dos EUA, John Kerry, declarou aos jornais que "O presidente Obama está totalmente preparado para usar a força militar para ajudar o governo iraquiano, mas não o fará enquanto houver um vazio de poder no país". A entrevista foi dada à rede CBS e mostra que Washington não está "contente" com o governo iraquiano e deixou acontecer o problema para aparecer como salvador e impor novamente um governo mais favorável aos seus interesses. Mas, curiosamente, a entrevista de Kerry aconteceu na cidade curda de Irbil, região autônoma ao norte do Iraque. E, em encontro com líderes curdos, ele solicitou oficialmente que "fiquem ao lado de Bagdá"!

Mas, qual a estratégia de Washington no caso atual?

Como já dissemos, o projeto inicial desenhado em 2006 era uma divisão do país em três Estados independentes, mas a atual crise, causada pela criação de um Estado Islâmico separado no norte do país, é um pedregulho nos sonhos de Obama. A sua situação fica muito difícil, principalmente depois das recentes eleições legislativas iraquianas que reforçaram a posição de Nouri al-Malik e das suas declarações favoráveis à Síria e à Palestina.

Para Obama, trata-se de "provar" que o Iraque é um Estado falido para obrigar a uma intervenção militar em grande escala. Isto resolveria duas questões: acabaria com o problema que ele mesmo criou (o exército salafista e o terrorismo) e permitiria impor seu projeto de divisão do país.

Do que foi dito na primeira parte do artigo, esse quadro nos levaria a uma possível intervenção militar no Iraque (mais uma) para garantir o projeto de Washington. Mas há outros aspectos a serem analisados.

O segundo grande problema é econômico e estratégico: o petróleo e os gasodutos que cortam a região! Como se pode ver no mapa que estou anexando, o novo Estado Islâmico (ou Califado) pretendido pelo EIIL já se apossou da região mais rica em petróleo do Iraque e exatamente da região por onde passaria um pretendido gasoduto/oleoduto para escoar o petróleo e o gás da Arábia Saudita e do Qatar, através da Turquia, para a Europa. Um problema urgente, como já mostramos no artigo sobre a Ucrânia e a Crimeia.

Rússia, EUA, Inglaterra, França e até Israel estão de olho no gás sírio e em um gasoduto de fundamental importância para a Europa, mas que depende do governo sírio. E isto justifica todo o apoio que o Kremlin tem dado ao seu aliado Assad, mas mostra também os motivos para a Turquia apostar tanto contra o governo sírio e gastar rios de

dinheiro para derrubá-lo. A construção do gasoduto (ver mapa 2) converteria a Síria na primeira porta energética da Ásia para a Europa.

A plataforma marinha síria guarda uma colossal reserva de gás, estendendo-se até Israel. E não custa lembrar que a única base militar da Rússia fora de seu próprio solo está precisamente na Síria, tradicional compradora de armas russas. Em troca, os russos utilizam o porto de Tartus e o de Latakia.

Acontece que, pelas informações que temos através do esclarecedor artigo de Thierry Meyssan, "Yihadismo e industria petrolera", o EIIL já controla o petróleo e os dois principais oleodutos existentes, realizando a venda através da empresa Aramco (capital dos EUA e Arábia Saudita)! A exportação está sendo feita através do porto turco de Ceyhan, apenas para países "amigos" do EIIL.

Neste caso seria possível uma aceitação por parte de Washington, garantindo a região independente dos salafistas desde que seus aliados, na Europa e no Oriente Médio, continuassem a vender e comprar o petróleo e o gás. Washington realizaria seu desejo de repartir o Iraque (balcanização) e evitaria mais um desgaste com nova invasão militar. Melhor ainda, se livraria do incômodo Nouri al-Malik. Mas deixaria um grande problema nas mãos da Síria e do Irã, com um grupo terrorista e forte economicamente em suas fronteiras. Qual seria a reação da Rússia, aliada dos dois, nessa situação?

Claro que este seria um grande momento para Washington e não podemos esquecer que, no dia 26 de junho passado, Barack Obama solicitou ao Congresso mais 500 milhões de dólares para "equipar e treinar a oposição na Síria". Dinheiro que certamente chegaria para os três grupos terroristas que atuam naquele país: Frente Al Nusra, Exército Livre Sírio (ELS) e o próprio EIIL!

Toda a grande imprensa tem anunciado que o Irã estaria disposto a "trabalhar" com os EUA diante da situação, mas é bom esclarecer que não existe nenhum anúncio oficial do governo iraniano nesse sentido. O governo xiita de Hassan Rohani disse que poderia ajudar o governo iraquiano contra os ataques do EIIL, mas nunca disse que poderia enviar tropas para a região. O aiatolá Alí Jamenei, líder religioso do Irã, afirmou que repudia a possibilidade de "que os EUA realizem uma intervenção no Iraque" e acusou Washington de estar mentindo, pois "essa não é uma guerra entre xiitas e sunitas".

Vale lembrar que o atual governo de Bagdá conta com a "simpatia" dos governantes xiitas de Teerã, mas é combatido pelas grandes monarquias árabes como Kuwait, Emirados Árabes e outros sunitas da região. E a diferença principal está na interpretação política que fazem do islamismo. Enquanto os xiitas entendem as leis corânicas como uma espécie de "comunismo primitivo", ou seja, há uma visão social da religião, os sunitas se trancam em um ponto de vista estritamente ao pé da letra (apenas religioso). Como radicais islâmicos, não aceitam as atuais fronteiras que dizem ser artificiais e criadas pelas grandes potências.

E então vamos chegar ao terceiro cenário da situação atual. Analisando os atuais movimentos na região e as recentes declarações dos líderes do EIIL, tudo indica que estão projetando um avanço sobre Bagdá e a derrubada de al-Malik. Assim, estender o Califado a todo o Iraque, impondo o sunismo em todo o país, inclusive na região autônoma curda.

Diante do avanço das forças do EIIL (Estado Islâmico do Iraque e do Levante), a Arábia Saudita não perdeu tempo para enviar 30 mil soldados para a fronteira com o Iraque, depois que os soldados iraquianos se retiraram da sua fronteira e também da fronteira com a Síria. Aliás, especialistas garantem que o exército iraquiano (treinado e armado pelos EUA) parece estar se desmembrando rapidamente.

E o governo de al-Malik também "não vai muito bem das pernas". Ele tenta se equilibra no poder, com as duas outras correntes, mas não consegue compor o governo depois das eleições de abril. Tradicionalmente, o líder do Parlamento é um sunita, o presidente é um curdo, e o primeiro-ministro é um xiita, mas o acordo está difícil e não se espera uma solução antes de agosto, quando já poderá ser tarde.

E aqui está a terceira questão: se os salafistas do EIIL cumprirem o objetivo de "marchar sobre Bagdá e estender o Califado em todo o país a crise vai se instaurar e, muito provavelmente, teremos uma nova intervenção militar estadunidense.

No momento em que terminávamos este artigo, quinta-feira (10/07/14), encontramos em noticiários internacionais duas notícias preocupantes:

a) o governo do Iraque confirmou, na quarta-feira (09/07), em carta enviada à ONU, que os insurgentes do EIIL tomaram material nuclear utilizado em pesquisas em uma universidade ao norte do país. São cerca de quarenta quilos de urânio que estavam na Universidade de Mosul, agora sob controle salafista;

b) em outra carta à ONU, os representantes do Iraque confirmaram que "o grupo extremista islâmico Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL) assumiu o controle de um arsenal de 2,5 mil foguetes químicos de gás sarin que foram armazenados juntamente com outras armas químicas".

Nesta manhã de quinta-feira, o governo estadunidense reconheceu o "grande perigo" que representa a consolidação de um Estado Islâmico em território iraquiano. Em declaração oficial, o secretário de Defesa, Charles Hagel, advertiu que Washington está acompanhando com atenção porque "a expansão do EIIL constitui uma ameaça não só para o Iraque e a região, mas também para os EUA".

---